

GEOGRAFIA E LITERATURA: A DIALÉTICA ENTRE AS CATEGORIAS TERRITÓRIO E PAISAGEM NO CONTO “MANSÕES E PUXADINHOS” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Natália Farias de BARROS¹

1. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail para contato: nataliafariasbarros@hotmail.com.

RESUMO

Na Geografia, está se tornando cada vez mais evidente, trabalhos que abordam e centralizam a relação das categorias de análise (espaço geográfico, território, região, paisagem e lugar) com pautas sociais fundamentais na nossa sociedade, como: gênero, raça e classe. Compreender as espacialidades através de um olhar disruptivo, que possibilite a enunciação de corpos, práticas e vivências pluriversais, é um percurso potente que viabiliza a enunciação de Geografia(s) outras que não sejam alicerçadas apenas em um fazer científico colonial e europeu (QUEIROZ, 2017). Neste caminho, temos a literatura como uma aliada para a elaboração de paisagens que permitem a visualização de (des)caminhos diversos para se pensar e fazer o conhecimento geográfico, como o conto *Mansões e Puxadinhos* que a intelectual, escritora e professora Conceição Evaristo nos apresenta a discussão acerca do território e da paisagem através de uma vivência que interdialoga com uma estrutura social que pulsa a pretensa colonial pautada no racismo e classismo, ao mesmo passo que emerge com o símbolo de uma vivência diaspórica grifada por: lutas, afetos, vidas e ancestralidades como inteligência de (r)existência. Diante do exposto, este trabalho objetiva analisar de que forma a literatura poética de Evaristo (2017) apresenta uma Geografia que enuncia duas faces de uma mesma espacialidade, entre o território e paisagem, estes tangenciados pelo conflito e pelo *aquilombamento*. Como suporte teórico para a contextualização do trabalho, pauto as produções de Santos (2000), Ratts (2003), Fanon (2008), Almeida (2009), Gomes (2014), Santos (2014), Corrêa (2017), hooks (2017), Akotirene (2018) e Almeida (2018). Conforme o resultado deste trabalho, podemos pensar que a exposição de uma realidade, por meio da *escrevivência*, como na literatura de Evaristo, potencializa a reflexão para a formulação de outras geografias, sendo essas, emancipatórias e ancestrais.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Raça; Conceição Evaristo.

ABSTRACT

In Geography, it is becoming increasingly evident works which debate and centralize the relationship between the analysis categories (geographic space, territory, region, landscape and place) with fundamental social guidelines in our society, such as: gender, race and class. Understanding spatialities through a disruptive look, which allows the enunciation of bodies, practices and multi-universal experiences, is a powerful path that enables the enunciation of Geography (s) others that are not based only on a colonial and European scientific practice (QUEIROZ, 2017). In this way, we have literature as an ally for the elaboration of landscapes that allow the visualization of different (dis)paths to think and make the geographic knowledge, such as the tale *Mansões e Puxadinhos* that the intellectual, writer and teacher Conceição Evaristo presents us the discussion about the territory and the landscape through an experience that interludes with a social structure that pulsates the alleged colonial based on racism and classism, at the same time that it emerges with the symbol of a diasporic experience highlighted by: struggles, affections, lives and ancestry as intelligence of (r) existence. Based on these ideas, this work aims to analyze how the poetic literature of Evaristo (2017) presents a Geography that enunciates two faces of the same spatiality, between the territory and the landscape, these tangent by the conflict and the collision. As theoretical support for the context of this work, I refer to the productions of Santos (2000), Ratts (2003), Fanon (2008), Almeida (2009), Gomes (2014), Santos (2014), Corrêa (2017), Hooks (2017), Akotirene (2018) and

Almeida (2018). According to the result of this work, we can think that the exposure of a reality, through scribing, as in Evaristo's literature, enhances the reflection for the formulation of other geographies, being these, emancipatory and ancestral.

Keywords: Geography; Literature; Race; Conceição Evaristo.

1. INTRODUÇÃO

A Geografia, enquanto ciência que investiga a relação homem e natureza, perpassa por conhecimentos diversos que comunicam desde as características físicas, químicas e biológicas do meio até compreensões culturais dos arranjos sociais que ocupam espacialmente o planeta Terra. Essa compreensão, ampla e complexa, dessa interação homem-meio é melhor analisada, na Geografia, a partir de categorias, as conhecidas categorias geográficas, sendo elas: espaço geográfico, território, paisagem, região e lugar. Estas categorias, por sua vez, possuem conceitos que designam o recorte espacial a ser compreendido a partir de uma determinada análise. Com isso, temos que, a depender da pessoa que observa determinada espacialidade sua leitura irá definir sobre tais critérios o que analisa, ou seja, de acordo com o observador o que está sendo observado pode ter variadas significações.

A construção de uma compreensão espacial, não é, desta forma, aleatória e (in)definida, pois os conceitos das categorias apresentam suas significações, mas a atenção que o observador lança sobre o meio é que vai conduzir as suas interpretações e leituras sobre aquele determinado espaço (GOMES, 2014; SUERTEGARAY, 2019). Para além das distinções conceituais das categorias ainda podemos pensar nas variantes epistemológicas dentro da história da própria ciência, que pode variar no recorte temporal (séculos e décadas) e/ou regional (Ocidente e Oriente) ao qual o observador se formula. Sendo assim, as espacialidades não são estáticas em sua definição, e, portanto, imutáveis, elas possuem variadas possibilidades de interpretação dado à condição de quem as lê e de como são comunicadas, por uma própria construção de discurso (VEIGA-NETO, 2017).

Desta forma, a literatura nos apresenta, socialmente, modos de comunicar espaços em variadas possibilidades, vivências, realidades que transpassam o nosso lugar vivido e que nos ajuda a tecer comunicação e sentimentos com o outro, que de alguma forma, não nos é comum ou cotidiano ou com nós mesmos através da pertença ou da identificação (CANDIDO, 1991). É, portanto, através de algumas narrativas literárias que a Geografia se produz e reproduz para além da materialidade vista e vivida, mas no horizonte da imaginação e do simbólico, que formula espaços comuns e fantásticos, nativos e estrangeiros, assim, possibilitando uma ampliação teórica das suas categorias, como também, da própria ciência (RAFFESTIN, 2009).

Neste caminho, algumas autoras e autores, em suas obras, ampliam a margem das leituras espaciais quando apresentam para os leitores geografias que denunciam experiências e vivências que historicamente são marginalizadas e silenciadas. Dentro de uma formulação histórica ocidental pautada pela branquitude, heteronormatividade e pelo capitalismo inúmeros grupos sociais são invisibilizados e suas demandas e realidades precárias foram e são elucidados por autoras e autores que através da literatura, encontram uma forma de denúncia, como também, uma forma de registro ancestral de suas resistências (GUIMARÃES, 2016). Assim, dentro destes grupos “minoritários” temos estruturalmente os recortes de gênero, raça e classe, portanto salientando corpos negros, as mulheres e a camada assalariada da nossa sociedade. E é nesta intersecção que alguns nomes na literatura brasileira, são

lembrados e consagrados pelos seus escritos que atravessam gerações e marcam as contradições e gingas existentes no território brasileiro tão diverso, como: Maria Firmino dos Reis, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Esta última, Evaristo, romancista, contista e poeta, apresenta em sua escrita o registro cirúrgico e latente do povo preto, que se pluriversaliza em diferentes personagens que habitam e circulam por diversos espaços geográficos, um deles o morro Das Asas de Anjo, no conto “Mansões e Puxadinhos”, no seu livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017).

O objetivo, deste trabalho, portanto, é analisar a partir do conto de Evaristo (2017), como podemos entender a dialética existente através de um espaço, que enuncia por meio das experiências humanas ali desenvolvidas um status contraditório e pungente conectando conflitos e reciprocidade, redesenhando, assim, uma possibilidade conceitual entre território e paisagem (QUEIROZ, 2017). Uma vez que, a autora do conto, coloca a condição social e racial acerca do espaço é fundamental compreendermos, neste artigo, que há nitidamente uma narrativa que enuncia corpos e trajetórias pretas, ou seja, a condição histórico-geográfica dos corpos negros são de extrema valia para a leitura da espacialidade ali retratada. Os conflitos são desenhados a partir de uma condição histórica, no caso do território brasileiro, na escravização dos corpos negros, ou seja, compreender a sistemática estrutural do racismo nos dá maior possibilidade reflexiva sobre a produção, como também entender que para além deste fato temos as histórias dos trânsitos destes sujeitos e de suas ancestralidades que são marca simbólica e materialmente de suas vivências no morro (HOOKS, 2017; ALMEIDA, 2019; SILVA, 2020).

Sendo assim, para melhor analisarmos essa dialética entre as categorias paisagem e território a partir do conto de Conceição (2017) iremos apontar enquanto auxílio metodológico algumas autoras e autores que centralizam o debate sobre raça, espaço geográfico e literatura de forma individual ou correlacionando-os, como: Fanon (2008), Lima (2007), Smith (2000), Almeida (2018), Hooks (2017), Suertegaray (2019) e Silva (2020).

2. METODOLGIA

Para construir a metodologia do presente trabalho vamos apresentar, inicialmente, a autora Conceição Evaristo e um pouco sobre o seu conceito de *escrevivência*, dada a sua relevância para a compreensão da obra à ser analisada, em seguida iremos apresentar o livro, *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017), em que está presente o conto, e por fim faremos um percurso breve entorno da centralidade da história de Mansões e Puxadinhos para situar as discussões espaciais que irão seguir.

A autora, aqui destacada, Conceição Evaristo, é uma escritora negra nascida em Minas Gerais, possui graduação em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com a dissertação intitulada *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a tese: *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011). Evaristo atuou durante grande parte de sua vida enquanto professora da rede pública de ensino da capital fluminense, também foi constituída de experiências enquanto empregada doméstica, desde os oitos anos, atividade essa também realizada por sua mãe e sua tia de criação. No universo da literatura enquanto poetisa, romancista e contista, a autora possui inúmeras antologias críticas e literárias brasileiras e 8 livros publicados com destaque para três, são eles: *Ponciá Vivência* (2003), *Becos da*

Memória (2006) e *Insubmissas Lágrimas: contos* (2011), revezando entre uma literatura de romance e ficção a autora reinventa sua narrativa e mescla racionalidade com encanto, não se desprendendo da linhagem ancestral africana.

As breves considerações iniciais apresentadas anteriormente da autora, nos guia para compreender a nível inicial a sua escrita e seus pontos de partida para pensar seus personagens e suas geografias. Como bem pontua e questiona Allan da Rosa (2017) na apresentação do livro *Histórias de leves enganos e parecenças*:

Quanto de vassoura de empregada doméstica, de avental de magistério e de diploma de doutorado, peças íntimas da autora, deixa reticências pontiagudas se emaranhando em ocos do racismo brasileiro que é semelhante ao de tantas paragens caribenhas? Quanto há de fortaleza e graça em sua paciente teimosia de bordar as espirais de ontem, as paisagens de futuro já cantadas há séculos e as urgências contemporâneas que nos espetam e assam nessa terra coalhada de segregação? (ROSA, *op.cit.*, p. 6-7)

Neste fragmento percebemos que a percepção do mundo e, mais precisamente, do Brasil que a autora vive é reestruturada a partir de sua história e, portanto, de sua singularidade, mas de modo ainda mais latente, pelos laços coletivos que tece ao reconhecer nos outros as suas próprias experiências de aprisionamento e restrição que são compartilhadas com tantas mulheres e homens nesse território. Desta forma, quando Rosa (2017) coloca a vivência plural de Evaristo, ele quer nos fazer despertar para as nuances de um corpo que não finda em si uma única experiência, nem ao menos, uma única imagem, mas exatamente do emaranhado de realidades percorridas. Assim, a autora representa-se além de um modelo ou uma estrutura findada, mas em eterno (re)fazer-se.

É neste caminho da singularidade e pluralidade de nossas próprias experiências diante o espaço “mundo” que a autora lança, partir de sua dissertação, um termo, hoje, já conhecido nas discussões acadêmicas que é o de *escrevivência*. Como a própria Evaristo (1995) coloca é um jogo de palavras entre “escrever, viver e se ver”, e que ao longo de sua trajetória enquanto escritora assume outros contornos sobre a discussão da escrita, das histórias contadas, das experiências vividas (EVARISTO, 2020). Mas para fazer entender melhor e mais resumidamente o termo é importante dizer que o mesmo margeia a ideia de contrapor-se a “história dos vencidos”, ou seja, se hegemonicamente é repassada a história nacional com seus valores católicos, seus heróis e seus arranjos familiares há para além dessa fábula social histórias, no plural, que contam a vida de milhares de homens e mulheres que vivem sob este mesmo território, porém com realidades muitíssimas distantes desta que é tão enunciada. Temos então um movimento pela epistemologia do sul na literatura de rasura de Evaristo que parte de um outro lugar para enunciar outros corpos, outras culturas, outras estéticas, outras linguagens. Nesse afloramento desses personagens múltiplos e plurais em suas singularidades Evaristo nos apresenta que há um espelho maior do que o imposto pela falácia epistemológica do universalismo, há para além do uno o Outro que não só vai ser visto e estudado, mas que também possui voz e linguagem para falar de si, de seus desejos, frustrações e experiências (LIMA, 2007; FANON, 2008).

Diante da *escrevivência* e de sua relevância na escrita de resistência e de insurgência podemos pensar, portanto, o conto *Mansões e Puxadinhos* presente no livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017). Primeiramente o próprio título do livro nos auxilia a compreender que essa escrita de Evaristo nos surpreende, são histórias curtas que como, Rosa (2017) coloca, estão cheias de

“imprevistos, sem pistas para o que virá, no susto”, assim, os contos e a novela nos trazem para um universo de possibilidades impossíveis, porém tão concretas quanto as distopias de um país tão desigual e racista quanto o Brasil. Assim é *Mansões e Puxadinhos*, um conto que nesta atmosfera de imprevisibilidade, do livro, nos apresenta a lida cotidiana entre os moradores das mansões e os moradores dos puxadinhos que coexistem em um espaço geográfico: o morro. Deste espaço dar-se para ver uma paisagem privilegiada, o mar, mas para além “do verde que se espalhava morro acima, um cheiro fétido contaminava o ar, em determinadas ocasiões”, essa questão acompanha a narração do conto até o final, como descreve Evaristo (2017, p. 53). No entanto, mesmo com o mal cheiro que o morro emanava um emigrante Geraldo Guilhermino avista a belíssima paisagem morro acima e ao sentir “uma dor aguda bater em seu peito” decide ir ali morar, no que se tomaria, 3 anos adiante o morro Das Asas de Anjo.

Entre as mansões e os puxadinhos é, portanto, que Evaristo vai desvelar através da *escrivência*, para além das dicotomias coloniais já previstas, formas outras de relação social entre o que poderíamos pensar historicamente enquanto os sujeitos da casa grande e os sujeitos das senzalas, para assim, elucidar que as semelhanças e as diferenças são conceituações que refletem lógicas ocidentais de pensar o Eu e o Outro e que o corpo, enquanto escala é lido em si, pelo outro, e no espaço ocupado (SMITH, 2000; CARNEIRO e RODRIGUES, 2013). Para então encaminhar um diálogo mais lúcido com o conto iremos traçar, a seguir, algumas compreensões acerca do debate entre a Geografia e a Literatura como meio de correlacionar uma possibilidade de novos caminhos teóricos dentro da reflexão acerca dos territórios e das paisagens.

3. GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA POSSIBILIDADE DE (DES)CAMINHOS EPISTÊMICO

Inicialmente, é relevante salientar que, ao propor uma leitura dialética entre território e paisagem, a partir do conto da autora Conceição Evaristo, as compreensões aqui ressaltadas acerca das categorias vão ser desenhadas por bases teóricas que percorrem a Geografia, o debate racial e a Literatura. Mais cuidadosamente atentando para compreender a geofricidade do conto através de um recorte interseccional, assim, poderemos, através da colisão das estruturas sociais (gênero, raça e classe) nos debruçar mais atentamente sobre “o que” e “como” o território e a paisagem nos comunicam os seus significados no conto (AKOTIRENE, 2018).

Partir de uma reflexão que Souza (2016) propõe em seu texto *Consiliência ou bipolarização epistemológica? Sobre o persistente fosso entre as ciências da natureza e as da sociedade – e o papel dos geógrafos* é importante para refletirmos acerca dos (des)caminhos que a Geografia tomou ao longo da sua jornada enquanto ciência e mais precisamente nos desdobramentos epistemológicos no Brasil. O autor inicia o artigo trazendo uma metáfora que explicaria que o caminho da pesquisa e/ou do conhecimento científico não é como a “estrada real” de Dario, ou seja, que ao trabalhar com a ciência muitas serão as incompreensões e insatisfações encontradas. Dentre tantos fundamentos, teorias, métodos, conceitos e temas é preciso compreender que há um arcabouço teórico que fundamenta, estrutura e dimensiona “o que se é”, assim, construindo possibilidades e impossibilidades epistemológicas dentro de cada ciência (SANTOS, 1988). Neste viés, temos em um recorte geo-histórico, marcos que apresentam formas de pensar as questões gerais as quais as ciências se propõem, em uma perspectiva ocidental os marcos voltados ao fazer científico veem questões e potencializam leituras até

determinado momento, tendo em vista, as fronteiras/limitações epistemológicas e metodológicas (SUERTEGARAY, 2019). Como um marco ocidental, moderno, temos o avanço apresentado por Einstein com a Teoria da Relatividade dando outros ares para as ciências, nesta fragmentação das naturais e das sociais, superando a teoria newtoniana. Este é um dos exemplos de uma reformulação no fazer-científico moderno ocidental, que evidencia justamente a sua fragilidade, nessa distinção que ronda o pensamento racional, separando homem e natureza, estruturado por tanto tempo enquanto uma hierarquia racional. Como Santos (1988, p. 54) destaca:

A crise do paradigma dominante é o resultado interativo de uma pluralidade de condições. Distingo entre condições sociais e condições teóricas. Darei mais atenção às condições teóricas e por elas começo. A primeira observação, que não é tão trivial quanto parece, é que a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda.

Partindo deste grifo, acerca dos hiatos que a ciência ocidental universalista se constituía e ainda se constitui, é necessário destacar que essa relação ciência-sociedade, entre tantas compreensões, fundamentalmente percorre uma relação de poder (SUERTEGARAY, 2002; PONTES, 2017). Assim, ficando estabelecido por séculos a relevância de paradigmas que se respaldavam e asseguravam certezas absolutas, respostas irrefutáveis e afirmativas universalistas, que garantiam o *epistemicídio* com o objetivo de controlar, dominar, explorar e silenciar “outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais e patriarcais que regem o sistema-mundo”, como pontuam, Tavares e Santos (2020, p. 110).

É neste cenário, portanto, que a Geografia ganha contorno estrutural enquanto ciência, tendo como expoentes modernos Humboldt e Ritter partindo de questões e inquietações que circundavam a Europa naquele momento e voltando os debates para as questões territoriais, na relação homem-natureza (MORAES, 1981). Diante do debate territorial, da discussão dos estados modernos e da necessidade de garantir a soberania e a ordem o que está afrente desse movimento e rege esse projeto ideológico são os interesses dos grupos privilegiados, ora representados pela corte, pela igreja, ou, mais à frente pela burguesia (MORAES, 2000).

Então, nesse recorte, podemos pensar a categoria território, aproximando da nossa intenção reflexiva, neste artigo, tendo como ponto de partida a compreensão do território nacional, nessa estrutural social, política e cultural que escreve o Estado brasileiro, no início do século XIX, a partir de conflitos entre, até então, os povos originários, os europeus e os africanos (GOUVÊA, 2008). Na base desse perverso processo exploratório, genocida e etnocida tem-se os interesses que circundam o debate ideológico através das relações de poder que tem como *leitmotiv* o domínio e o controle sobre o Outro. Para construir esse projeto, portanto, é primordial que os corpos preestabelecidos ideologicamente enquanto Outros sejam capturados/dominados ou eliminados, assim, evitando movimentos de insurgência e garantindo a coesão social e a perpetuação da hegemonia eurocêntrica. Pensar o Brasil sobre esses contornos geo-históricos que centraliza a compreensão a partir de uma história de exploração, com marcas coloniais, possibilita para além das linearidades históricas pensarmos que mesmo diante do silenciamento epistêmico dos corpos ditos como Outros sempre houve grandes

insurgências, sejam através dos quilombos, da dança, das artes, da culinária, das místicas, da religião ou nos movimentos nas ruas (CORRÊA, 2017).

A Geografia, nessa perspectiva, respalda o discurso acerca dos territórios nacionais, dos grupos vigentes, e ainda ressalta a centralidade sobre o que hoje entendemos enquanto um equívoco epistemológico, ou seja, o território enquanto sujeito e a sociedade enquanto objeto. Assim o projeto político assegurava por meio do discurso científico, que o meio (território) predominaria sobre as características humanas-sociais, como Moraes (1991, p. 171), bem pontua, o “país como espaço a se ganhar, sendo sua população apenas o veículo da tal ação”.

Em uma interpretação além dessas fronteiras históricas há, fundamentalmente, marcas que se cristalizam na nossa sociedade atual em que o território nacional, a identidade nacional, o patriotismo, os heróis, a família, a língua, a religião e a sexualidade são extremamente restritas e são escritas por uma minoria que assenta as ideias de humano nessas mínimas configurações ditas enquanto, universais.

A paisagem, nessa construção científica conceitual anteriormente apresentada, também se fundamenta nessas relações de poder, de conflitos e de significações ideológicas. Pensar, portanto, uma paisagem que se assemelhe a “uma cidade europeia” irá nos levar (nós sujeitos espacialmente localizados na periferia do sistema capitalista) a formular uma paisagem com contornos éticos e estéticos, tidos enquanto referência. Já, no Outro lado, desta imaginação, ao pensarmos em uma paisagem de um país africano, asiático, ou sul-americano, por exemplo, nos leva à formular ideias atreladas ao atraso, subdesenvolvimentismo, miséria e etc. Quando Tavares e Santos (2020) se propõem a discutir “uma outra geopolítica do conhecimento” é justamente sobre refletir a partir de outros pontos de saída para assim trilharmos outras possíveis chegadas, as quais não estejam fundamentalmente atreladas e fincadas nos pilares eurocêntricos dessa relação de controle homem-natureza. Suertegaray (2019, p.167) nos propõe, portanto, pensar essa dialética entre paisagem e território tendo como arcabouço a discussão voltada as relações de poder no território brasileiro e da possibilidade imaginativa e estigmatizada quando ressalta:

De maneira ampla, podemos dizer que nossas paisagens, seja em escala nacional ou regional, foram estabelecidas pelo olhar eurocêntrico, para o bem ou para o mal. Desde o Brasil Colônia, a paisagem brasileira é descrita e é representada pela sua possibilidade de uso (diversidade) e pelos seus riscos tropicais, pela adversidade de clima e pela possibilidade de doenças. A partir dos relatos, das imagens e dos estudos sobre o Brasil, seja pelas artes gráficas, pela literatura ou pela produção científica, ao longo de nossa história, construíram-se representações da paisagem brasileira indicando: a adversidade do clima, a abundância de recursos, o vazio amazônico, o semiárido hostil e seus discursos de seca, a europeização do Sul e a ideia de um outro país, entre outros tantos exemplos. (SUERTEGARAY, 2019, p. 167).

Neste caminho, pensar paisagem e território a partir desse contraponto nos auxilia a ir em outras fontes e perpassar outras reflexões acerca das marcas nessa relação espacial entre sujeitos brasileiros e os espaços, onde, de maneira sistemática e estrutural, pungência ainda o racismo e o machismo neste território na periferia do capital (ALMEIDA, 2019). Então, para melhor traçar essas imbricações, e as fissuras dessa relação homem-natureza, por meio do conto *Mansões e Puxadinhos* de Evaristo (2017), subdividimos em dois tópicos com o objetivo de compreender as dinâmicas apresentadas nas *Mansões* e as dinâmicas apresentadas nos *Puxadinhos* e na correlação entre ambos espaços e seus personagens,

os tópicos são: Das mansões para os puxadinhos: ideias de uma experiência territorial e Dos puxadinhos para África: ideias de uma paisagem-afro-diaspórica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sendo assim, para melhor encaminhar as discussões que se seguem, pontuamos dois subtópicos que nortearam a explanação do conto e das categorias geográficas anteriormente apresentadas, são eles: (i) Das mansões para os puxadinhos: ideias de uma experiência territorial e (ii) Dos puxadinhos para África: ideias de uma paisagem-afro-diaspórica.

4.1 *Das mansões para os puxadinhos: ideias de uma experiência territorial*

Evaristo (2017, p. 53) apresenta inicialmente uma paisagem para os leitores, descrevendo que o morro e o seu entorno que se debruça diretamente no mar é o cenário da narrativa. Logo nas primeiras linhas o seguinte trecho aparece: “mansões ali erguidas abrigavam luxuosamente famílias com histórias de poder e abuso em seus currículos” e mais adiante nos deparamos com o termo “pessoas de bem” (entre aspas) para caracterizar a vizinhança ao redor das mansões. Chamando atenção para duas palavras “poder” e “abuso” vemos que são sintomáticas para descrever a estrutura fundiária e territorial do Brasil, um Estado fundado em cima de exploração e violência material e simbólica dos povos originários e dos povos africanos. Ao longo do Brasil Império temos o arranjo social equilibrado sobre dois pilares fundamentais, são eles: agricultura e escravidão, de modo que alternâncias em alguma destas duas atividades poderia, e pôde fragmentar toda a estrutura social, política e econômica que se desenvolvia no Brasil (GOUVÊA, 2008).

No cerne desta questão, tem-se objetivamente uma relação de poder e, por sua vez, de conflitos, dentro de um perfil hierárquico eurocêntrico, e nesse desembaraçar podemos dizer que tanto à um nível material quanto simbólico a territorialização cumpre com um projeto de invisibilizar e marginalizar as diferenças (CORRÊA, 2017). A Lei de Terras, de 1850, impossibilita sistematicamente o acesso a terras pelo povo preto, ainda mantidos em condição de escravidão neste período, o que nos remete a condição de falsa liberdade pós-abolição uma vez que ao serem “ditos” livres como viver em um território, em um país, que impossibilita materialmente e simbolicamente a nossa existência? Como, portanto, ser “alguém” desse lado do Atlântico, sem terra, sem chão, sem nome, sem língua, sem religião, sem família? Essa situação não se dissolveu do século XIX para cá, como Pinto (1987, p. 14) cita:

Essa situação permaneceu praticamente inalterada, até a quarta década do século, na cidade de São Paulo. De fato, dados de 1940 referentes à ocupação indica; apenas uma parcela estava inserida em ocupações típicas do sistema de classes. A maioria permanecia em ocupações características de situação pré-industrial e pré-capitalista, posições periféricas ou marginais que não conduziam nem a profissionalização, nem à proletarianização, nem à acumulação capitalista.

Assim, quando lemos no conto que do lugar, da posição social, dos que vivem nas mansões há um histórico de “poder e abuso em seus currículos” não remetemos apenas a condição do Brasil Colônia, mas de uma continuidade que ainda permeia e circunda a forma e os arranjos sociais mais recentes. Esse registro, portanto, político traça espacialmente, na compreensão de Corrêa (*op.cit.*, p. 126) o que entendemos por “gentrificação, segregação social, desigualdade de classe, espoliação do campo, violência urbana”, desta forma, marcando e desenhando fronteiras e mais fronteiras, dentro das cidades, de forma a perpetuar os entraves e alargar as fissuras entre os sujeitos e os corpos (SMITH, 2000).

Talvez, o que Fanon (2008, p. 117) cita sobre relação homem-natureza seja, justamente o que Evaristo nessas linhas iniciais queira transmitir e que caracteriza com precisão e sensibilidade a questão mais central acerca da territorialização, quando diz “o branco quer o mundo; ele o quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação”. Neste caminho essa formulação eu-mundo é forjada no interior de uma compreensão de superioridade racional, sobre o dominador e o dominado, o Eu e o Outro, a casa grande e a senzala. Essa construção de uma visão que objetifica o outro está na base do entendimento cristão, como também percorre a raiz do sistema cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2018). O homem branco hétero, no centro desse processo ideológico, vê de si para o mundo formas, corpos, objetos que ganham significações a partir de um monoculturalismo, reproduzindo, na maioria das vezes, símbolos que determinam o outro em um espectro restrito, caricato, estigmatizante e preconceituoso, uma vez que o espelho do mundo é este Eu narcísico (CORDEIRO, 2017). Portanto esse conceito de “pessoas de bem”, presente no conto, é sensível justamente à esta fábula que proclama a conservação de valores distópicos em um mundo que sacraliza as desigualdades em detrimento dos valores gerais de ética e moral, dando aos leitores um ar quase que sarcástico.

É neste lugar, como o presente tópico apresenta, partindo de uma visão externa, das mansões e indo para os puxadinhos, que a autora também apresenta a relação de vizinhança e de trabalho entre esses dois grupos distintos que coexistem no morro, quando diz:

E assim viviam os habitantes “Das Asas de Anjo”, um povo ignorando o outro. Entre as mansões e os puxadinhos nenhuma relação de vizinhança, embora muitos dos que habitavam as casinhas especialmente, as mulheres, trabalhassem nas mansões imponentes do lugar. Os homens, muitos também. Eram os jardineiros, os porteiros, os motoristas, os seguranças das casas ao lado. Havia também os office-boys, pequenos aprendizes, que experimentavam seus primeiros empregos nas empresas comandadas pelos moradores das grandiosas moradias da área. Entretanto essas pessoas nunca se cruzavam fora do trabalho, cada qual seguia seu rumo sem tomar conhecimento umas das outras, cada qual vivia em seu quadrado. (EVARISTO, 20117, p. 56).

Diante deste trecho fica evidente que existe uma relação entre esses dois grupos, mas até que ponto há um contato proximal? Para além de uma configuração capitalista de patroa/patrão e empregadas/empregados, existem outros níveis de interação comunitária entre eles? Ao colocar tais questões queremos pensar sobre a naturalização dessa relação de exploração que se moderniza e ganha outros contornos através dos tempos. Se no século passado as fronteiras entre esses dois grupos eram mais demarcadas, hoje, já não são, porém isso não define que estejam dissolvidas e que, assim, não exista a segregação. Essa proximidade, portanto, não garante uma coalizão de interesses, ou

solidariedade, retomando Fanon (2008), desde que se cumpram as obrigações e não se extrapole os limites definidos tudo nesse mísero espaço cabe ao povo preto. Naturaliza-se, portanto, esse fetiche em invisibilizar quando preciso, corpos que são intitulados como inferiores e desprezíveis, em uma dicotomia católica romana de que o corpo negro carrega consigo as amarguras e pecados do mundo. No entanto, é este mesmo corpo, que garantiu, e ainda garante, o avanço econômico de inúmeras nações. Entre esses dois lugares, do “ser” e do “não-ser” também é formulada uma territorialidade sobre os corpos e através dos corpos, evidenciando que para além da materialidade espacial do solo, há evidentemente uma territorialidade registrada na dominação e controle dos corpos dissidentes (SANTOS, 2000).

Por vezes, tomados enquanto capital, representados em jornais, enquanto matéria comerciável, apresentando características físicas, as características dentárias, de força física e das “qualidades” práticas para a casa grande, esses sujeitos eram configurados enquanto objeto de valor. Na ciência, os estudiosos, como Lombroso (1880) e João Batista de Lacerda (1911), configurando biologicamente e antropologicamente as características e desdobramentos desses indivíduos em uma sociedade “civilizada”, entre um campo e outro de domínio colonial tudo sobre as diferenças sempre são bem determinadas e observadas. Assim, cristalizando nesse território nacional e nos outros territórios tais relações, como destacadas pela autora, que mesmo se mesclando no dia a dia das atividades aparentemente não se entrecruzam, as encruzilhadas, portanto, são outras.

Para encaminhar uma última ressalva ao desfecho do conto partindo dessa discussão territorial talvez pontuar uma pergunta, que dá título a um filme brasileiro, possa nos contemplar, a pergunta é: Quanto vale ou é por quilo? De forma cautelosa tecemos a compreensão de que se neste lado das mansões, respaldado pelos conceitos ocidentais, é necessário desenvolver uma compreensão, uma exploração e um distanciamento dos que estão nos puxadinhos, deste modo, ilusoriamente, mantem-se um controle e o *status quo* vigente. Porém ao encerrar o conto Evaristo (2017) narra que diante de uma situação que assolou o morro, nada escapou ao acontecimento, todos moradores foram assolados pela situação, nada resistiu ao movimento natural. Assim a autora apresenta

Um dia, porém, as mansões e seus habitantes foram soterrados pelas espumas que desciam do banhar das pessoas e coisas dos puxadinhos, enquanto esses, deslizando nas próprias espumas, como crianças brincando em terreno escorregadio, caíram no mar. Dizem que foi um momento de rara beleza quando as espumas das águas dos puxadinhos se confluíram com as espumas das águas do mar. (EVARISTO, 2017, p. 57-58).

Com esse desfecho talvez possamos pensar que para a pergunta anteriormente exposta a resposta seria: a carne mais barata do mercado não é a carne negra. Desses fluxos e contra fluxos que ressignificam e reformulam territórios e territorialidades a autora nos apresenta que essa distinção

homem-natureza, paradigma moderno eurocêntrico, não contempla as possibilidades outras que tecem as vivências socioespaciais. E, partindo dessa reflexão acerca da água que ronda e assola os moradores das mansões, podemos criar, neste campo do estatuto da imaginação, se utilizando da metáfora-ginga de Elza Soares (2017-2018) na música *Banho* que os moradores dos puxadinhos pingaram naqueles que lhes cuspiram (TURCO, 1984).

4.2 *Dos puxadinhos para África: ideias de uma paisagem-afro-diaspórica*

Através de autoras e autores como Lima (2000), Ratts (2006), Teixeira (2016), Suertegaray (2019) e Bongianino (2020) podemos partir de uma geopoética afro-brasileira para pensar a paisagem apresentada neste conto de Evaristo (2017). Quando estamos em frente à uma obra literária há todo um universo sensível e subjetivo que inventa e formula o que se lê, ou seja, a imaginação é fator fundamental na construção da narrativa visitada, assim como, no recorte subjetivo as bagagens de vida são colocadas em questionamento ou identificação. Nesta relação, portanto, íntima e social, lugares imaginados e lugares vividos são acionados através dessa tecnologia e se tecem construindo paisagens e símbolos (HOOKS, 2017).

É nesta compreensão que pensamos aqui paisagem enquanto categoria que rompe com as fronteiras materiais e sociais impostas sobre os lugares que percorremos e temos acesso e que através da linguagem podemos nos capilarizar por uma extensão incalculável de visitas e experiências simbólicas a outras paisagens. Através do conto *Mansões e Puxadinhos* a autora traz um grifo a essa paisagem transfronteiriça, como já situamos no tópico anterior, pois ela parte também desse outro lugar que é dos puxadinhos, nos interligando à África, não apenas enquanto materialidade, mas enquanto símbolo (RATTS, 2006)

Então, se estamos configurando, aqui, uma paisagem que comunica Brasil ao registro afro-diaspórico desse eu-mundo, é relevante ressaltar que para além de uma história negra, que há muito tempo é registrada à sangue, lágrimas e suor também existem registros de doces memórias e acolhimentos, em um movimento de (r)existência como forma de *aquilombamento* (SOUZA, 2008; NASCIMENTO, 2018; ALMEIDA, 2019). Em um cenário povoado de histórias de vida, imaginação, lutas, amores, *gingas* e sensibilidade vemos mulheres e homens recontarem suas narrativas e a de seus ancestrais para assim dar continuidade as suas existências e a resistência coletiva de seu povo (NASCIMENTO, 2019).

Através dessa *escrevivência* Evaristo (2017, p. 55) se coloca, portanto, nessa narrativa que apresenta as marcas de si e dos outros, em uma coletividade preta afro-diaspórica, narrando:

E, como o belo é de pertença de todo, os novos habitantes de lá de cima também se enquandavam olhando o mar lá de baixo. Nesse contemplar viviam vários sentimentos. Saudades de um mar que tinham deixado para trás, nas terras de seus nascimentos, saudades dos rios que aguavam os territórios de suas infâncias e apagavam os vestígios dos primeiros gozos tidos, escondidos dos mais velhos da família, saudades de uma terra em que o mar caberia, se Deus assim o quisesse. E muitos experimentavam um inexplicável sentimento. Uma espécie de dor antiga, milenar talvez. Uma atração, um angustiante desejo de navegar, de se jogar em águas distantes, não aquelas que podiam ser contempladas no novo território, no momento presente, mas outras experimentadas em vidas passadas. Nesses, a contemplação do mar provocava um sentimento tal como o banzo.

Nesse trecho podemos ressaltar a correlação de sentimentos mútuos, de pulsão, união, despedida, medo, desejo, tudo revestido e submerso pelas águas salgadas do mar e das lágrimas. Essa escrita que fala de um corpo e de um grupo é o que intersecciona a experiência negra em outros continentes fora de África, assim entrelaçando a compreensão dos territórios que transcreveram símbolos nos corpos e de paisagens que desenham esses territórios sobre contornos de pertença e ancestralidade. De tal forma que a separação, como já ressaltamos anteriormente, entre homem-natureza não exprime os sentimentos e as interações de povos que não se desconectam de sua terra, ou que, não existem fora do corpo geográfico, como cita Fanon (2008, p. 116) “nós estamos no mundo”.

Outra leitura interessante de se fazer é quando pensamos acerca da conexão entre a paisagem, o espaço em escala corpo e o mar, ou enquanto símbolo, a água. A autora trabalha em outras obras, como também no livro presente, *História de leves enganos e parecenças*, essa simbologia da água através das lágrimas, das águas do mar e/ou rios, do gozo e da chuva entre outras formas. Com esse elemento podemos refletir, no caso do presente conto, que ao longo da narrativa vai ser apresentado de imediato a vista para o mar, mais à frente destacando novamente o mar e, por fim, a água do banho dos moradores dos puxadinhos. Essa água, portanto, marca o nascimento, enquanto elemento que nos envolve no útero de nossas mães, marca o fio condutor do trânsito afro-diaspórico através do Atlântico, registra nossas dores através das lágrimas, nos anima e recompõe através do banho e nos apresenta a beleza coletiva de nossos traços através do espelhamento de Oxum e Iemanjá (EVARISTO, 2020). Portanto, é nesta confluência de significados desse fluido ancestral e desses corpos que são gerados, animados e ornados pelas águas que temos uma leitura diferente entre o elemento que “acaba” com os moradores das mansões e com o elemento que ritualiza a vida dos moradores dos puxadinhos.

No contexto do banzo, presente no trecho anterior, a dialética entre paisagem e território ganha contornos sensíveis que dialogam com os trânsitos ancestrais. Nessa leitura entre as categorias há a construção de espaços em nós que dialogam com os traumas e as felicidades vividas através de geografias, como no morro Das Asas de Anjo, que alguns angustiam os conflitos por terra, mas também saboreiam a preciosa paisagem que dá vista ao mar. Assim Silva bem pontua acerca da escrita de Evaristo:

“Apesar das acontecimentos do banzo”. Isto parece afirmar que, num contexto de usurpação de humanidades, “brotará em nós o abraço à vida / e seguiremos nossas rotas / de sal e mel” (EVARISTO, 2017, p. 120). Evaristo, então, efetiva um projeto de escrita, engendrado na constatação da obstaculização e, ainda que o fenômeno seja imensurável, numa ordem

verticalizante, a função de sua “big pena” atende para expurgar o tóxico visceral a fim de reconstruir outros modos de fala e visões de mundo. (SILVA, 2020, p.121)

Neste contraditório cenário, portanto, impera a escrita de memórias e das tensões cotidianas, interligando as raízes de África e as disparidades brasileiras estruturadas por uma ordem hierarquizada, colonial e escravocrata, em relações contraditórias de aprovações e rejeições de variados grupos sociais, desde a família até as relações de trabalho. Evaristo, então potencializa essa experiência territorial para outras paisagens que são sensíveis em nossas trajetórias, por meio dos trânsitos ancestrais, são vivências de lugares ainda não alcançados, mas simbolizados através das histórias, da culinária, das religiões, da dança, da estética etc. (LIMA, 2000; RAMOS, 2017).

Para apresentar esse sentimento ambíguo de perdas e glórias a autora escreve o contato do primeiro morador dos puxadinhos com a paisagem do morro:

Um dia, não se sabe como, um emigrante vindo de uma região bastante pobre do país, morador na grande cidade, olhou, cá baixo, a área verdejante lá em cima e uma dor aguda bateu em seu peito. Saudades do lugar natal, de sua terra de nascença. Ali extasiado compôs mil canções do exílio. Ele, filho sem pátria, dentro da própria pátria. O homem só via e sentia o verde, as mansões não apareceram em sua visão. (EVARISTO, 2017, p. 54-55)

Ao trazer a figura do emigrante que ao ver o morro se sente *desterritorializado*, no que, Fanon (2008) entende como o não-lugar, a autora diz que esse corpo não é simplesmente alguém sem um chão, mas que politicamente o país em que reside não o acolhe, ou seja, ele não pertence a este território que observa. Onde, então, ele pertence? Um corpo afro-diaspórico, que lugar lhe cabe? América? África? Morros? Puxadinhos? Enfim, mergulhado dentro desse sentimento de abjeção, o personagem mescla essa insuficiência da condição real do agora, com o desejo de retornar para algum lugar, ambas sensações ganham pulsão a partir da paisagem vista. Esse personagem, se chama Geraldo Guilhermino, ele após esse momento catártico, vai morar no morro, que mais tarde ganha o nome de Das Asas de Anjo, e então começa a morar sozinho e com o passar do tempo reúne mais pessoas até que ao final do ano já conta com 83 pessoas. Diferentemente da relação proximal dos moradores das mansões, os moradores dos puxadinhos possuem contato mais íntimo, quando lemos no texto que o termo “puxadinho”, significa justamente, esse vínculo de estar atrelado a alguém.

Portanto, nessa paisagem, há além da beleza natural que emoldura o morro, um registro do desenvolvimento da comunidade Das Asas de Anjo que não só constroem para si um lugar de pertencimento, mas marcam simbolicamente que este espaço, diferentemente de outros, lhes trazem uma memória ancestral de algo que remete à um “lugar natal”. Mesclando, assim, a maresia e magia da paisagem com a brutalidade do cotidiano, o morro oferece, aos moradores dos puxadinhos, uma paisagem-afro-diaspórica que costura uma ponta com a outra além-mar unindo por uma tessitura geo-histórica corpos com suas poéticas em uma estrutura mágico-social (FANON, 2008). De uma forma cirúrgica e potente, Evaristo nos dá, através da literatura, uma história que fala com todos e fala consigo mesma, resgatando as vozes dos silenciados e espacializando os sentimentos dentro das estruturas sociais brasileiras, nos fazendo, por tantos meios, perceber que nós, povo negro, somos como água que

mesmo diante de cristalizadas estruturas criamos fissuras a partir de nossa insistência em resistir (OLIVEIRA, 2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço, enquanto ponto de partida da ciência geográfica, pode ser analisado em diferentes perspectivas e compreensões teóricas, dando, assim, possibilidade para pesquisadoras e pesquisadores desenvolverem análises variadas sobre determinados recortes. Tendo um arcabouço histórico baseado em saberes e formulações paradigmáticas centradas em conceitos ocidentais a Geografia vem percorrendo outros campos de debate sobre as suas categorias que permeiam saberes marginais atendendo assim necessidades investigativas que não são contempladas por uma história eurocentrada. Possibilidades analíticas que permeiam discussões acerca do debate racial, por exemplo, têm emergido neste cenário de reinvenção da questão espacial, de modo que, por meio de outras ciências nós possamos pensar entendimentos e leituras que deem conta de espacialidade pluriversais.

Desta forma, a Literatura tem corroborado com a Geografia através da ampliação de perspectivas sobre a diversidade de espacialidades e do desdobramento das culturas sobre o meio em que se relacionam. A visão unilateral, ou, dualística entre homem-meio ganha, portanto, novos entendimentos que contemplam essa relação focalizando novas formas de interação de grupos sociais com os lugares, regiões, paisagens ou territórios. Outro ponto significativo entre os variados tipos de literatura e a ciência geográfica é justamente a possibilidade de enxergar além do que já é investigado, se desarticulando, portanto, de registros oficiais e ganhando novos ares através de vozes narrativas próprias que comunicam através de experiências únicas e cotidianas saberes pluriversais acerca do seu lugar.

Conceição Evaristo (2017) é uma destas figuras que apresenta através da Literatura sua geografia e a dos que lhe acompanham no cotidiano através de suas *escrevivências*. A autora grafa através de seus, contos, romances e ficções experiências individuais e coletivas que possuem corpo negro e ocupam espaços no Brasil, interseccionando nas obras, a densidade de viver disputas e de conservar uma existência sensível nesses territórios. É através de seu conto *Mansões e Puxadinhos* que traçamos uma correlação entre as dificuldades e os prazeres enfrentados pelos pretos, moradores dos puxadinhos, no morro “Das Asas de Anjo” diante da convivência com os moradores das mansões. Essa relação que aparentemente não inaugura um debate racial, tendo em vista, a banalidade dessa dialética entre “branco rico” e “preto pobre”, através da narrativa de Evaristo (*op.cit.*) admite outros contornos que para além de exaltar a aguda adversidade nesse convívio nos coloca, então, em diferente condição de análise, percebendo assim, a simbologia da paisagem que envolve e é envolvida pelos moradores dos puxadinhos.

A paisagem, portanto, dialetiza com as dicotomias do território, que em escala nacional, não suporta o peso das populações negras, por tanto tempo marginalizadas no Brasil, configurando assim, um significado de relações, ente os dos puxadinhos, de ancestralidade, ressaltando, portanto, uma compreensão que transpassa a materialidade mas ganha uma perspectiva simbólica de *aquilombamento*. Entre a configuração territorial e a paisagem do morro há arranjos entre esses grupos

sociais distintos que formulam aquele espaço e que ressignificam o que lá acontece, seja através das relações de trabalho, da visão privilegiada do mar ou das águas que escorrem do morro para baixo.

Através de uma literatura que enxerga e especializa com sensibilidade as relações sociais nos cantos do Brasil podemos por meio da Geografia inaugurar novas paisagens que não reproduzem apenas estereótipos e definições cristalizadas, mas que nos ajudam a repensar nossos pontos de partidas dando corpo e cor as discussões espaciais. Portanto a potência literária de Conceição Evaristo, como de outras autoras e autores que resistem e ousam lançar ao mundo suas *escrevivências* tem nos tencionado a visualizar por variados horizontes possibilidades de entender os espaços e a nossa sociedade por marcos não apenas burocráticos, mas de ver com olhos cautelosos as magias de narrativas emergentes com ancestralidade e entrelaços.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

BANHO. [Compositora e intérprete]: Elza Soares. Arranjo de percussão: Ilu Obá de Min. Assistente de gravação: Alejandra Luciani. Rio de Janeiro: Studios Tambor, 2017-2018. (03:29)

BONGIANINO, C. F. How to listen to an Afro-Caribbean landscape. **Vibrant, Virtual Braz**. Brasília, v. 17, e17507, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180943412020000100507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 fev. 2021.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5ªe.d. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARNEIRO, L.; RODRIGUES, A. Corporeidades sagradas e geográficas metropolitanas: dos terreiros de candomblé e de umbanda ao sambódromo. BARRETO, M.A.S.C; [et.al.] (org.) *In: Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores*. Vitória: EDFES, 2013.

CORDEIRO, H. F. C. DE ONILÈ À ÒSUN – ENTRE O ESCONDER-SE E O EXIBIR-SE: processos de autoimagem e autoaceitação de àwon obìnrin dúdú (mulheres negras) em comunidades de terreiro. *In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA-EBECULT*, 3. 2012. Bahia. **Anais [...]**. Cachoeira, 2012. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CORRÊA, G. S. O branqueamento do território como dispositivo de poder da colonialidade: notas sobre o contexto brasileiro. *In: CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e Giro Descolonial: Experiências, ideais e horizontes de renovação do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e parencças**. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê editora, 2017.

- EVARISTO, C. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, L.C.; NUNES, I.R. (org). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, P. C. da C. O conceito de Região e sua discussão. In: CASTO, I.E.; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, R.L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- GOUVÊA, M. de F. S. **O império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GUIMARÃES, G. F. **Territorialidades silenciadas e apagadas que se tornam visibilizadas por meio da poética negra**. (SYN) THESIS, v. 9, n. 2, p. 31-40, 2016.
- HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- LIMA, S. T. de. **Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem**. Geosul, Florianópolis. v. 15, n. 30, p. 7-33, 2000.
- LIMA, E. L. de. **A reinvenção da corporeidade: o cotejo entre a tradição moderna e a tradição indígena**. Dissertação. Universidade Federal Fluminense – UFF. Março, 2007.
- MORAES, A. C. R. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- MORAES, A.C.R. Notas sobre identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil. In. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 166-176, 1991.
- MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- NASCIMENTO, B. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África: 2018.
- NASCIMENTO, R. C. C. **Dialéticas da ginga: performances dos corpos subalternos em movimento**. Sociedade e Cultura, v.22, n.2, 2019.
- OLIVEIRA, V. H. N. de. “ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA”: trajetórias, cena negra e resistência. **Cadernos do GIPE-CIT**, n. 39, p. 15, 2017.
- PONTES, K. R. **Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03**. 2017. Dissertação (Filosofia da Educação), CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2017.
- QUEIROZ, A. M. M. **Geo-grafias insurgentes: corpo e espaço nos romances ponciá vicêncio e becos da memória de Conceição Evaristo**. Tese. Universidade Federal de Goiás – UFG. Abril, 2017.
- RAMOS, J. P. B.; GOMES, F.L.; SAMPAIO, A. de A. M. **Contaçon de histórias na Geografia: contribuições da educação popular para o ensino da história e cultura afro-brasileira**. **Revista de Educação Popular**, v. 16, n. 1, p. 63-71, 2 jun. 2017.

RATTS, A. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

RAFFESTIN, C. **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

SANTOS, M. O ser negro no Brasil hoje: Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro. *In: Folha de São Paulo*. São Paulo, 2000.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estud. av.*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, Aug. 1988. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103_40141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SILVA, A. de M. S. *EscreVivência: itinerário de vida e de palavras*. *In: DUARTE, C.L. e NUNES, I.R. (org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e a produção de escala geográfica. *In: ARANTES, A. (org.). O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

SUERTEGARAY, D. M. A. Epistemologia e autonomia da Geografia brasileira aplicada à análise das dinâmicas da paisagem? *Geografia*, v. 44, n. 1, 2019.

SOUZA, M. L. de. Consiliência ou bipolarização epistemológica? Sobre o persistente fosso entre as ciências da natureza e as da sociedade – e o papel dos geógrafos. *In: SPOSITO, E.S. (et.al.). A diversidade da Geografia brasileira: escalas e dimensões de análise e da ação*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

SOUZA, B. O. **Aquilombar-se: movimento histórico, identitário e político do Movimento Quilombola brasileiro**. Dissertação. Universidade de Brasília – UnB. Setembro, 2008.

SUERTEGARAY, D. M. A. No espaço da liberdade a re(construção) da natureza: um ensaio sobre a relação Geografia, Ambiente e Anarquismo. *In: SUERTEGARAY, D.M.A. Cadernos Geográficos: Notas sobre a epistemologia da Geografia*. Florianópolis: UFSC, 2005.

TURCO, A. **Regione e regionalizzazione**. Milão: Angeli, 1984.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. 3ªe.d. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.